



# HISTÓRIA E INFORMAÇÃO

Francisco Ruas Santos

## UMA PREOCUPAÇÃO ANTE NOVAS REALIDADES

**U**m economista, para calcular a inflação do mês de março de 1985, analisa dados ou informações levantados nesse mês, inclusive orais, para que possa produzir uma informação fidedigna.

Um historiador, para fazer o mesmo trabalho relativo à inflação de março de 1885, procede do mesmo modo, embora com um esforço maior na coleta de fontes e sua análise.

Mas, fundamentalmente, não diferem os dois trabalhos, embora separados de um século.

Não obstante, convencionou-se que o segundo pesquisador é *historiador*, o primeiro *economista*.

No exemplo está evidente a setorialização ou a paroquialização, vícios dos atuais sistemas de informações, de um modo geral, que os impedem, juntamente com outras deficiências, de serem realmente os instrumentos urgentes e necessários para um domínio seguro da informação.

Por outro lado, aquela dicotomia em que se antepõem historiadores e analistas de informações pode ser sociologicamente creditada à fidelidade aos antigos padrões de cultura. No caso, a persistência ou a consagração como histórico

ao trabalho que objetiva fatos de um *passado remoto* e sua *narração*, mas um universo que já não é mais o da Grécia antiga, que gerou o termo *História*.

Outro fator de tal dicotomia está em não se dar a devida atenção ao fato de tudo ser passado e por vir, não passando o presente de um momento fugaz entre os dois. Por outras palavras, ante o infinito, o termo não existe; ou não passa de uma convenção ou medida para se compreender e situar a existência finita do Homem.

Finalmente, a separação de parte dos homens em historiadores e não historiadores decorre do fato de não existir ainda uma consciência generalizada do que vem a ser a informação no estágio do conhecimento filosófico e científico adquirido neste século XX.

## OS CONCEITOS CIENTÍFICOS DE INFORMAÇÃO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XX

Comecemos com os conceitos científicos que nos permitem caracterizar o que se deve entender por informação neste ano de 1985.

Tudo o que sabemos ou viermos a saber está ou será registrado na nossa memória, através de sensações captadas do exterior pelos sentidos. Segundo a Neurologia, tais sensações chegam, sob a forma de vibrações, a determinadas áreas do cérebro, como a visual e a auditiva. Essas áreas traduzem as sensações numa linguagem própria e enviam-nas a uma região profunda do cérebro, onde são arquivadas.

Toda essa comunicação é feita através dos prolongamentos das células nervosas (cerca de 50 bilhões, que não se reproduzem e, se lesadas, não se recuperam). Tais células compõem-se de um corpo e prolongamentos. Na extremidade do prolongamento maior da célula nervosa há uma pequena vesícula, contendo um líquido, o *neurotransmissor*.<sup>1</sup>

As sensações que chegam ao cérebro percorrem esses prolongamentos na forma de uma *corrente elétrica* e esta, percorrendo-os, rompe essas vesículas, liberando o neurotransmissor; este bate noutra célula, transformando-se numa *corrente elétrica* que percorre seu prolongamento, rompendo a vesícula do neurotransmissor, repetindo-se tudo isso em bilionésimos ou milionésimos de segundo,<sup>2</sup> em função das sensações.

A primeira conclusão parcial é a de que no processo está envolvida a *energia* sob a forma de corrente elétrica.

O outro ponto a ressaltar é o de que, afinal, as sensações, através de vibrações, vão até à *memória*, área do cérebro de uns cinco centímetros de extensão por quatro de largura. Nessa pequena área está armazenada toda a experiência do homem<sup>3</sup> ou, afinal, todas as informações que recebeu e que, num processo análogo ao do recebimento, vão produzindo informações.

O mais importante e oportuno a destacar é que a *informação*, em última análise, é energia, e energia que modifica nossos neurônios.

É através dessa informação que o indivíduo é levado à produção

de sensações e vibrações noutra indivíduo, modificando-lhe os neurônios, conforme explica o autor que estamos seguindo.

Então, *informação* seria *energia* que modifica os neurônios. E a memória humana seria uma forma de documento.<sup>4</sup>

De outro ponto de vista, a informação é que nos leva a pensar ou agir desta ou daquela maneira, ou a prática social, o mesmo podendo ser dito quanto às informações dos grupos sociais, quando estes assimilam ou rejeitam informações, de qualquer modo agindo ou reagindo desta ou daquela maneira.

Por conseguinte, e do ponto de vista neurológico, o historiador e o economista do nosso paradigma tiveram, afinal, sua informação gerada do mesmo modo. Isto é um argumento a mais em favor do mais que urgente rompimento daquela dicotomia que está contribuindo para deter ou retardar o progresso dos sistemas de informações ou, mais sucintamente, o pleno domínio da informação.

## OUTROS CONCEITOS DE INFORMAÇÃO

Numa visão do Mundo, a *Informação*, assim como a *Matéria* e a *Energia*, pertence à trilogia dos fenômenos básicos que constituem o fundamento de todas as atividades humanas.<sup>5</sup>

Ou, mais sinteticamente, conforme a fórmula genial de Einstein, *Matéria*, ou o que temos e vemos, sendo *Energia*, a *Informação*

nesta se inclui; e por isto daí não devendo ser destacada, acrescentamos, a não ser para fins de análise didática.

Assim chegamos a um conceito global da informação, no qual se incluem outros como:

— a *Informação* é primordialmente um recurso de característica toda especial, sendo fator que entra em qualquer processo de criação e consumo de outros recursos, assim como no processo decisório,<sup>6</sup> segundo o clássico aforismo, nosso velho conhecido, de que a *Informação* é a base da *Decisão*;

— mais especificamente, a *Informação* é um fator de produção;<sup>7</sup>

— a *Informação*, em essência, é uma relação entre jogos de conjuntos, sempre estruturados, e é especialmente multidimensional<sup>8</sup> e multiimbricada.

Uma conseqüência imediata, de ordem prática, desses últimos conceitos, é a de que a *Informação* deve ser produzida por equipes interdisciplinares e não à base do individualismo, traço negativo do caráter nacional aceitável ou compreensível na era pré-histórica.

Nessas equipes pode ser imprescindível a presença daqueles que armazenaram informações diversificadas e referentes a largos períodos de tempo, tais como os até agora chamados historiadores.

Para não ficar no campo da teoria, concretizemos essa afirmação.

Os que procuram interpretar os fatos políticos deste século já aprenderam que os presidentes da República, eleitos diretamente, mas por maioria relativa e sem apoio de uma maioria parlamen-

tar, não puderam completar seus mandatos (Getúlio em 1954, Jânio em 1961 e João Goulart em 1964). Quando, pois, se cogita de eleição direta para preenchimento desse cargo, é prudente que essa informação do historiador convencional seja bem considerada, com vistas a uma complementação do processo eletivo, a qual assegure estabilidade ao mais alto magistrado.

Infelizmente, as informações ditas históricas são ignoradas ou desprezadas quando, ao contrário, deveriam estar presentes sempre no processo decisório de produção de novas informações.

Em grande parte essa ignorância ou esse desprezo decorre justamente daquela setorialização ou daquele paroquialismo que infesta e prejudica os sistemas de informações: a informação econômica é com o economista, a informação política é com o político etc., quando a informação é multi-dimensional e multiimbricada.

Em síntese, o que existe é a *Informação*, que globaliza informações gravadas em suportes diversificados (memórias individuais, por exemplo).<sup>9</sup>

Finalmente, outro conceito:

### *Informação é poder*

De modo inverso, o que *pode-mos fazer* é função das informações que possuímos.

É aí que melhor se encaixa a *desinformação* ou a informação maligna, tendenciosa ou poluidora que, intencionalmente ou não, *reduz poder*.

Em síntese, e como conclusão, a História convencional é Informação. Reciprocamente, todos os que estão no gozo de suas sensações ou das suas faculdades mentais e, com tal, são detentores de informações, são, cada um a seu modo, "historiadores". Não é, pois, por acaso, que tradicionalmente *história é sinônimo de narração*; ou, todos nós, sempre temos algo de nossa experiência a narrar, historiar ou informar.

## A PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES NO CAMPO DA HISTÓRIA CONVENCIONAL

Aqui vamos abordar apenas alguns casos exemplares ou de maior interesse para a organização do trabalho no campo da História convencional.

Em primeiro lugar, e de modo genérico, não é mais cabível discutir quem é ou quem não é "historiador", a não ser como necessidade de se definir uma categoria profissional relativamente à legislação trabalhista, ao ensino sistemático de História e ao desempenho de funções em órgãos de documentação.<sup>10</sup>

Tanto isso é verdade, que alguns dos nossos maiores historiadores atuaram muito bem e muito antes de haver a formação regular de profissionais de História nas universidades, e aí estão como venerados mestres espirituais.

Então, do ponto de vista da or-

ganização do trabalho, em especial do trabalho intelectual, o historiador, em sentido restrito, seria: aquele que se dedica à reconstituição do passado, digamos o passado que transcende à vida útil de uma geração, no mínimo; ou aquele que, profissionalmente, se preparou através de um ensino sistemático da História convencional e das Ciências Auxiliares desta.

Assim é possível, de saída, eliminar a divergência suscitada em alguns meios quanto aos princípios incorporados no anteprojeto de lei definindo o historiador como categoria profissional.<sup>11</sup>

Exemplo de uma atitude correta está nos Institutos Históricos, onde convivem, harmonicamente, graduados, mestres e doutores em História, com os estudiosos do nosso passado. Evidentemente, aí, as informações de uns e de outros se cruzam ou se integram em benefício do progresso do sistema de informações em que se situam.

Por tudo isso, é extremamente setorial, paroquial, limitada, antolhada, para não dizer nada feliz, a afirmação de um dos nossos historiadores convencionais de que a História do Brasil está mais entregue a militares. Não sabemos se isso foi dito para dar uma idéia pejorativa dos atuais estudos e pesquisas de História do Brasil, ou por um complexo qualquer, para diminuir os militares estudiosos e pesquisadores do nosso passado.

Dentro da idéia de exemplificar para melhor conceituar, vamos procurar situar os militares no campo da Informação, cuja ante-

passada, já superada, à vista do que evidenciamos, é a História convencional.

## O MILITAR E A INFORMAÇÃO

A formação do profissional militar está centrada na necessidade de que possa dispor de informações que o permitam destruir o adversário e não deixar-se por este destruir.

Conseqüentemente, a *Informação* é vital para ele e os esforços que ela exige permeiam e mobilizam todo o seu ser, muito mais do que ocorre com outro profissional vivendo de modo bem seguro ou protegido. A guerra, passada, presente ou futura, é a fonte de suas melhores informações.

Essa sensibilidade maior leva o militar a procurar sempre lições do passado, ou da História, que melhor o orientem na guerra, em especial aquelas que são fator de decisão ou informação necessária aos mais altos chefes. Compreende-se, portanto, facilmente, por que os estudos histórico-militares, sob o influxo inicial da Missão Militar Francesa, ganharam corpo a partir da década de 1920. Os exemplos são muitos, mas para ilustrar basta que citemos o do General Augusto Tasso Fragoso.<sup>12</sup>

Mas, sendo a informação multi-dimensional e multiimbricada, além de ser um conjunto estruturado, conforme vimos, não seria possível aos militares pesquisadores ou estudiosos da convencional História Militar ficarem sempre

circunscritos ao campo desta. Assim, por exemplo, quando apreciam a organização militar de um adversário em potencial, segundo sua evolução através do tempo, não podem eximir-se de levar em conta fatores ou informações fisiográficas, econômicas, políticas ou psicossociais que a condicionam também.

Depois daquele impulso inicial das décadas de 1920 e 1930, militares estudiosos da História convencional procuraram fazer o curso universitário da matéria ou dominá-la através de um ensino sistemático contido nas melhores obras dos teóricos da História e das Ciências Auxiliares desta.

Com o progresso da Informação desde meados deste século, simultaneamente com o desenvolvimento da Ciência da Informação no meio civil, ocorreu outro no que toca às informações de segurança, de um modo geral, e militares de um modo particular. Assim, civis e militares, indistintamente, desde a década de 1950, adquiriram e adquirem conhecimentos cada vez melhores e mais atualizados relativos à produção de informações, quer as tradicionalmente conhecidas como científicas e tecnológicas, quer as estritamente militares, mas, em sentido global, de segurança.

Isso a todos melhor habilita, paralelamente com os estudos clássicos de História e Ciências Auxiliares desta, a tratar da Informação que ainda é chamada História.

A diferenciação relativamente a este ou aquele tipo de informação, ou história, é motivada pelo

gosto ou pela necessidade, tais os casos paradigmáticos do economista e historiador, e do militar profissional afeito às pesquisas e aos estudos da História convencional.

## CONCLUSÃO

Para concluir, só nos resta um apelo: cuidemos todos, e cada vez mais, da moderna Informação, sem setorialismos, paroquialismos e, muito menos idiosincrasias quanto a pessoas ou ao que é novo nesta era pós-Einstein, quando a Informação, englobando todos os seus tipos particulares, é Energia. E, como tal, fator de produção, base da decisão e poder. Isso é o que a todos deve interessar acima de tudo, sem os negativismos oriundos de idéias já superadas ou de que os *produtores de informações* são "economistas", "historiadores", profissionais ou não, ou "militares"...

## NOTAS

1. Cf. o Doutor Pedro Sampaio, em reportagem de Maria Luíza Jacobson na *Manchete*.
2. *Idem, ibidem*. Os grifos são nossos.
3. Cf. reportagem supracitada.
4. Definição de documento já universalizada: conjunto de um suporte contendo dados e informações capazes de serem lidos e/ou interpretados pelo homem e/ou pela máquina.
5. Cf. Samuel Gorn, em 1967, *apud* o Professor Georges Anderla no seu relatório *Information in 1985* feito a pedido da O.E.C.D. em 1973, traduzido e condensado em 1977 pelo autor deste artigo, quando dirigia o Centro de Informática do Ministério dos Transportes.

6. Cf. John McHale, no relatório citado na nota 5.
7. Cf. relatório da O.E.C.D. sobre Ciência, Desenvolvimento e Sociedade (1971), segundo o Professor Anderla, *op. cit.*
8. Cf. Walter Buckley (1967), *idem*.
9. Ver definição de documento na nota 4.
10. Foi o que procurou fazer seminário reunido em Brasília em 1976, composto de documentalistas e historiadores, contando com assessoria do D.A.S.P. e do Ministério do Trabalho, o qual sintetizou suas conclusões em um anteprojeto de lei definindo a figura do profissional historiador.
11. É o anteprojeto citado na nota 10.
12. Produziu, entre outras obras, *A Batalha do Passo do Rosário, História da Guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai*, e *A Paz com o Paraguai*.



*O Coronel R/1 Francisco Ruas Santos, da Arma de Infantaria, é possuidor de todos os cursos do Exército, além do Curso Avançado de Infantaria, realizado em Fort Benning, EUA, e da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro. Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército, responsável pela edição da História do Exército Brasileiro (1972). Nessa função, idealizou o Centro de Documentação do Exército em 1973. Fundou e dirige o Centro de Informações Culturais, do Rio de Janeiro. Desde 1974 dedica-se ao estudo dos sistemas de informações, tendo publicado o Thesaurus do Sistema de Informações de Transportes (1976-1977) e Informação e Indexação.*